

# UMA FÁBULA DA CIVILIZAÇÃO EM *SIMPATIA PELO DEMÔNIO*, DE BERNARDO CARVALHO

Erick da Silva Bernardes <sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa o romance *Simpatia pelo demônio* (2016), de Bernardo Carvalho, tendo como tema central o discurso aparentemente fabular do seu enredo. Toma-se como meta investigativa o aspecto caricatural dos personagens e a estrutura de fábula que reveste a trama em questão. Enfatiza-se, na obra, o modo como seus enunciados transitam, ora pela ludicidade dos pequenos acontecimentos do dia a dia, ora sobre assuntos de violência. Além das desavenças ideológicas apontadas sob o pretexto da religião e o sequestro internacional baseado em conspirações terroristas, revelando-se um convite à reflexão, acerca da civilização no auge da modernidade considerada globalizada.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Simpatia pelo demônio*. Bernardo Carvalho. Literatura contemporânea. Romance brasileiro.

Procurando comida, um Cão encontrou a máscara de um homem muito bem-feita de papelão com cores vivas. Chegou-se então a ela e começou a cheirá-la para ver se era um homem que dormia. Depois empurrou-a com o focinho e viu que rebolava, e como não quisesse ficar quieta nem tomar assento, disse o Cão: “Decerto que a cabeça é linda, mas não tem miolo” (Fábulas de Esopo, XI, O Cão e a Máscara)

## Introdução

Já é lugar comum referir-se à literatura contemporânea como certa mistura de modelos, tipos e gêneros textuais, dos mais diversificados aspectos. Foi-se o tempo em que era possível categorizar os modos de se pensar o gênero romance, e, atualmente, até a nomenclatura romanesca evoca questionamentos e variações conceituais. Há escritores de todos os matizes, linguagens e ideias, segundo os quais (não raramente) divergem-se entre si, no exercício da escrita. No caso de Bernardo Carvalho, uma obra é completamente diversa da outra. Em seu projeto literário, cada texto de ficção destoa do modelo anteriormente por ele construído, e com *Simpatia pelo demônio* (2016), seu último romance, essa versatilidade estética confirma tal observação.

---

<sup>1</sup> Mestrando de Estudos literários do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPLIN), na Faculdade de Formação de Professores (FFP), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Email: ergalharti@hotmail.com

Assim como fizera em seus contos, crônicas e romances anteriores, desta vez, em *Simpatia pelo demônio* (2016), o narrador construído por Carvalho toca em problemas que insistem em preencher as telas de tevê e computadores mundo afora. São impasses religiosos, étnicos e amorosos, que se misturam à complexa rede de aventuras e desventuras envolvendo o personagem central Rato, e seus respectivos algozes, a saber: chiuaua e Palhaço. Entretanto, há momentos narrativos que beiram as comédias do tipo pastelão, quando permitem ao leitor relacionar certas falas de personagens com diálogos semelhantes a algumas telenovelas mexicanas. Como, por exemplo, no instante em que o chiuaua pergunta ao Rato durante o ato sexual: “¿Te gusta mi culo?”. E, em consequência, o seu parceiro responde: “Si mucho”, seguido da tréplica: “Es tuyo” (CARVALHO, 2016, p. 229). Aliás, coincidência ou não, o malfadado “amor” (o personagem chiuaua), que destruiu a vida do protagonista Rato, possui a nacionalidade mexicana. Daí não ser equivocado postular que Carvalho mistura drama, comédia e tragédia, de modo indissociável, dando o tom multifacetado da estrutura fabular da obra.

De acordo com Carlos Ceia, a fábula caracteriza-se como a “narração de sucessos fingidos, inventados para instruir ou divertir (no caso em questão mais divertir que instruir)” e configura-se certo tipo de enunciado “imaginário ou mentiroso”. Ou, noutro caso, apresenta-se como uma “pequena composição de forma poética ou prosaica em que quase narra um facto alegórico, cuja verdade moral se esconde sob o véu da ficção e na qual fazem intervir as pessoas, os animais irracionais personificados e até coisas inanimadas” (CEIA, 2009, s/p)

Partindo desse princípio, a análise de *Simpatia pelo demônio* (2016) será feita em dois momentos distintos: uma abordagem contextual, para o leitor não familiarizado com o romance, e o outro momento, no qual a arquitetura fabular do discurso será esmiuçada. Na primeira parte, uma explicação do enredo se mostra necessária, no intuito de delimitar as linhas narrativas de cada personagem, bem como seus papéis na história propriamente dita. E, na sequência, os modos caricaturais somados aos impasses ideológicos, e trazidos à tona pelo narrador onisciente, ajudarão na abordagem teórico-analítica, pontuando a discussão com comentários extraídos de uma entrevista recente, na qual o autor comenta os próprios modos de produção literária.

## O (con)texto

Narrado em terceira pessoa, o romance *Simpatia pelo demônio* (2016), de Bernardo Carvalho, apresenta um enredo centrado na figura de Rato, um agente humanitário residente em Nova Iorque, cuja personalidade se revela contraditória. Em vista dos seus cinquenta e cinco anos de idade, consideravam-no um *Coach* dos mais experientes, internacionalmente. Um dos feitos famosos de Rato constituiu-se da escrita do célebre *Tratado sobre a violência*, uma obra de cunho filosófico que alavancou o seu *status* profissional e fez do protagonista um conceituado ativista humanitário — e ele rodou o mundo ministrando palestras sobre temáticas de conflitos étnico-religiosos. No entanto, após alguns reveses da vida, o Rato, marido e pai de família aparentemente exemplar, vê a sua vida pessoal e profissional subitamente desmoronar.

O enredo constitui-se de dois pontos centrais: um, que encaminhará o narratário às relações conjugais e sexuais de Rato, preenchendo a trama de características comuns àquelas narrativas sobre personagens em suas peripécias amorosas; outro, pautado na imagem pública do ativista humanitário internacionalmente famoso.

Essa dupla base discursiva conduz o leitor “a assuntos polêmicos e provocadores, tais como: radicalismos religiosos, a relação político-econômica proveniente dos conflitos armados e assuntos globais de conspiração política” (BERNARDES, 2017, p. 177). Assim, quando narra as peripécias de Rato, o enunciador evidencia a tentativa deste anti-herói em recuperar a credibilidade profissional que anteriormente a ele era atribuída. Rato aceita a arriscada missão de entregar o pagamento a um grupo de terroristas, em troca da soltura de um homem anteriormente sequestrado – e, quanto a esse refém a ser resgatado, nada se sabe, nenhuma informação que se preze é disponibilizada, nem ao protagonista do romance, nem ao leitor propriamente dito.

Antes de narrar a empreitada do resgate ao incógnito sequestrado, o senso crítico do narrador encontra o caminho aberto para divagações teóricas aproveitadas de pensadores como Walter Benjamin e Theodor Adorno; homens de ideias sabidamente preocupados com a violência em que se encerra a civilização moderna. De acordo:

O homem almeja a paz quando já não aguenta lutar ou enquanto dura a memória do horror, que costuma ser curta e caracteriza a fase gloriosa dos processos civilizatórios fadados a terminar em guerra. Basta dar tempo ao tempo para que, recuperadas as forças, o entusiasmo se transforme em rancor, o homem se esqueça do que passou e se prepare novamente para o ataque exigido pelas circunstâncias de sempre, mas que ele verá como novas e inesperadas. (CARVALHO, 2016, p. 30)

Na história de Carvalho, essas atitudes de Rato foram questionadas pela crítica sensacionalista e tratadas como falha de caráter. Por conseguinte, inicia-se o declínio profissional do ex-herói midiático. Nesse viés, o terrorismo internacional, visto aqui como um dos temas de *Simpatia pelo demônio* (2016), traz à tona um problema moral (talvez ético), como um dos eixos centrais da obra. Especialmente, se for levado em conta que Rato tem por hábito extrair “amostras” das destruições decorrentes da guerra. Esses objetos retirados das regiões pelas quais o protagonista passou são transformados em *souvenires*. Além disso, houve um escândalo sexual premeditado pelo mexicano apelidado chiuaua “(ex-amante e algoz do Rato) e pelo personagem denominado Palhaço. O que fez com que a relação homossexual, entre o portador da alcunha canina e o agente humanitário, reverberasse na mídia mundial” (BERNARDES, 2017, p. 178), fosse veiculado na imprensa como abuso sexual decorrente de preconceitos étnicos e homofobia, com vistas a caluniar o célebre personagem Rato.

Assim, se outrora Rato sentia-se realizado por causa da fama e do sucesso alcançados junto à agência em que prestou serviços, de hora para outra, esse personagem (repentinamente) vê o seu universo de êxitos desmoronar. O giramundo moralizante, típico do discurso de fábulas, inversamente se revela atípico, pois não há um final feliz nem alguma explicação ética. Tem-se, portanto, o *clímax*, junto ao declínio da imagem pública e privada do protagonista. Em síntese:

Do céu ao inferno e, sem muitas delongas, de figura conhecida, ora simpática ora desacreditada pela própria agência na qual o personagem trabalhava, o que nos salta aos olhos no texto de Carvalho é um sujeito em crise sob múltiplas relações, sejam elas íntimas ou públicas, intrínsecas ou extrínsecas ao próprio protagonista. (BERNARDES, 2017, p. 178-179)

Valendo-se da experiência de ficcionista, o autor contextualiza o enredo sob panorama global e midiático, similar àquela modernidade líquida referida por Zygmunt Bauman (2014). Modernidade, aliás, de supervalorização do ego, em que

mais valem as imagens do que as ações, e que apresentam “as escolhas individuais em projetos e ações coletivas — padrões de comunicação e coordenação entre políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividade humanas, de outro” (BAUMAN, 2014, p. 13). Consequentemente, destaca-se no texto certa virada tenebrosa ocorrida na vida profissional e pessoal do protagonista Rato. Mudança tão drástica assim evidencia um comprometimento de Carvalho, de cunho social, contra a enxurrada de informações que as pessoas assistem e ouvem na mídia, sem ao menos refletirem sobre assuntos publicados nos meios de comunicação sensacionalistas, sobre acontecimentos de guerra, conflitos étnicos, genocídios de todos os tipos; quase sempre vistos como entretenimentos de pseudos telejornais noturnos. Parafrazeando Marilena Chauí, sobre as ideias Walter Benjamin, a barbárie é vista assim como espetáculo e “não está no exterior, mas é interno ao movimento de criação e transmissão da cultura” que, por sinal, encontra-se presente em *Simpatia pelo demônio* (2016). Porque os seus enunciados apontam para uma problemática sociopolítica, a saber: “o cortejo triunfal dos vencedores pisoteando os corpos dos vencidos e (que) conhece o preço de infâmia de cada monumento da civilização” (CHAUÍ, 2013, s/p). Com isso, nota-se o ocidente sobrepõe-se ao oriente, e a cultura dominante, já desde muito, aniquila o seu dessemelhante.

É bom lembrar que o modelo literário voltado para lutas armadas mundo afora não se configura novidade alguma para o autor. Porque “Bernardo Carvalho já havia se utilizado da fórmula de relacionar um panorama global de peripécias amorosas e familiares em os seus personagens, construindo um pano de fundo de guerras étnicas e religiosas” (BERNARDES, 2017, p. 179). Porém, a ação romanesca pautada em amores fracassados, construída com nuances caricatas ou satíricas, também comporta questões sérias como conflitos bélicos, por exemplo, e talvez proporcione certo desconforto ao interlocutor, dado o seu efeito paradoxal: comicidade *versus* tragédia; comportamentos caricaturais *versus* intransigências ideológicas.

Assim, em *O filho da mãe* a trama visava a passagem de personagens pelo Brasil, Rússia, Chechênia, e até pelo mar do Japão, conjugados às temáticas sobre ações violentas, onde “há ainda o sexo e a guerra” (CARVALHO, 2009, p. 139), desta vez, o pano de fundo, em *Simpatia pelo demônio* (2016), proporciona a

Bernardo Carvalho a oportunidade de lançar mão do ingrediente psicológico, ao melhor estilo freudiano, na configuração de cada personagem da trama. E, ainda, ao referir-se às megalópoles mundo afora, Carvalho faz questão de apontar cidades como São Paulo, Nova Iorque, Berlim, como espaços considerados superimportantes para o mundo dito globalizado. Em suma, são ações realizadas por indivíduos em seus conflitos pessoais e apresentadas ao leitor; ora de maneira cômica ora trágica, sustentadas por suas inter-relações pessoais.

### **Fábula ou senso crítico**

A escrita de Bernardo Carvalho se aproveita de elementos variados e extraídos do cotidiano passado e também do presente das pessoas mundo afora. Se, em *Nove Noites* (2006), seus enunciados incidem sobre o mistério de um antropólogo (Buell Quain) na selva brasileira, além da referência histórica da ditadura militar no comando de Getúlio Vargas, imprimindo certas nuances naturalistas, pode-se afirmar que no livro *Reprodução* (2013), Bernardo Carvalho se utiliza de referências da mídia digital *Skype* com “comentários anônimos na internet” (CARVALHO, 2013, p. 10). Em *Simpatia pelo demônio* (2016), é possível também perceber a inegável influência que os *websites* exercem sobre as personagens e suas peripécias. Outro tema recorrente e explorado pelo autor neste último livro é a crise existencial, porém, de modo adverso ao seus trabalhos anteriores, a construção sério-cômica incide, sobremaneira, na configuração caricatural dos seus personagens. Em entrevista feita por Camila Von Holdefer (2016), Carvalho reconhecerá que de fato faz uso do artifício fabular na escolha dos apelidos criados para os seus personagens:

Em *Simpatia pelo demônio*, eu tentei dar um sentido de fábula à primeira parte, que é escrita à maneira de um romance de aventuras, de ação, num ambiente de guerra. Os nomes dos personagens principais também remetem à fábula (HOLDEFER, 2016, s/p).

Com isso, se em um primeiro momento, o apelido do personagem central, Rato, significa habilidade em transitar por espaços obscuros e perigosos, em outro momento, o nome do amante cruel, chiuaua, (com letra inicial minúscula mesmo) se revela uma alusão pejorativa. Assim, no momento em que este personagem com

nome de cão exige que o chamem pelo apelido erotizado “raposinha”, isto certamente se revela uma das marcas cômicas na história de *Simpatia pelo demônio* (2016). E, além desses dois personagens, há o Palhaço, terceiro elemento na trama, segundo o qual se mostra exatamente o contrário do que deveria ser um profissional de circo. Este especialista de picadeiros e apresentações engraçadas, ao invés de comédia, serve-se da melancolia e do masoquismo para com o personagem central, principalmente no momento que ocorre um bate-papo surpresa entre os dois (Palhaço e Rato), no interior do avião, quando ambos encontram-se no mesmo voo.

Somando o aparente arcabouço caricatural que reveste o triângulo amoroso excêntrico, entre Rato, chiuaua e Palhaço, importa ressaltar que, diferente do psicologismo característico do estilo de Bernardo Carvalho, neste caso, o discurso satírico sobressai em contraste à cena típica de atitudes de pessoas em situações comuns, quando, por exemplo, o “Palhaço o levava (o chiuaua) para passear, fazia todas as suas vontades e o deixava brincar livremente” (CARVALHO, 2016, p. 123). Essa terceira figura circense e paradoxal tinha por hábito relacionar-se com o chiuaua, como se este devesse ser: “um cãozinho de estimação pulando nas pernas de estranhos e cheirando o rabo de outros cães, até que se aborrecia (...) e o arrastava de volta para casa, na coleira” (CARVALHO, 2016, p. 123). Consoante a Holdefer:

Apesar da densidade do protagonista e de seu amante, o próprio Bernardo Carvalho ressalta, na entrevista concedida ao *Livros abertos*, que chamar os personagens de Rato e chihuahua reforça o tom de fábula da narrativa. Qual é a moral, se há alguma? O amor como tábua de salvação para romper com o “percurso miserável de um indivíduo do nascimento à morte”? É apenas uma das muitas ressonâncias de um dos livros mais brilhantes do ano. (HOLDEFER, 2016, s/p)

Logo, em meio ao tema bárbaro que é a guerra, os viés irônico do discurso romanesco subjaz as ações cotidianas e reforça o “tom” de fábula que reveste a obra *Simpatia pelo demônio* (2016). Assim, assuntos sérios como preconceitos e intolerâncias religiosas conduzem o leitor ao motivo central ou “moral da história”, tal qual uma fábula contemporânea entre o amor e a sua desrazão. No entanto, esse teatro do absurdo, pautado no triângulo amoroso e exótico, funciona como uma espécie de dínamo a girar e conduzir o enredo. São recursos de construção textual, segundo os quais assemelham-se ao teatro do absurdo, apontando para

impasses importantes, como o sequestro que embasa o *clímax* da obra, além de apresentarem conflitos armados entre terroristas e conspirações políticas.

### **Considerações finais**

Entre um homem-bomba e o sequestro planejado por radicais religiosos, conjugado ao enredo amoroso de três personagens que beiram à “comédia pastelão”, viu-se que a obra *Simpatia pelo demônio* (2016) se apresenta ao leitor como uma provocação, ou melhor, uma reflexão acerca da civilização no auge da modernidade considerada globalizada. Personagens de nacionalidades variadas encontram-se na trama e proporcionam ao leitor um enredo nada conservador, dado o enfoque polêmico que o triângulo amoroso proporciona.

Com os três amantes que parecem encenar a própria relação sexual na trama, o narrador evidencia um exotismo próximo da caricatura de histórias cômicas, quando não o faz ao modo satírico de animalização do nomes dos personagens. Mas, ao mesmo tempo, o enredo joga com o ângulo trágico que a guerra religiosa e suas ideologias subjacentes representam. Por outro lado, utilizando-se de um pano de fundo global, que vai desde a Europa, a América do norte e a do sul, até ao Oriente Médio, o texto de Carvalho revela um encurtamento espaço-temporal característico do mundo alcunhado pós-moderno, tomado aqui como um dos vieses de abordagem.

Enfatizou-se, portanto, o tom de fábula presente na configuração do discurso, servindo-se do artifício irônico com vistas a ir além do teor psicológico típico do estilo de Bernardo Carvalho. Objetivou-se também demonstrar o modo como os seus enunciados transitam, ora pela ludicidade dos pequenos acontecimentos do dia a dia, ora sobre assuntos de violência causadas pela guerra civil. Trazendo à tona assuntos muito próximos do cotidiano hodierno, por exemplo, as informações veiculadas nos telejornais de hoje: guerras, maquinações políticas, participação efetiva de Organizações Não Governamentais (ONGs), interligam-se na obra assuntos dentre os os quais os governos deixam a desejar no que concerne à gestão pública — e são características não somente aos espaços geográfico de *Simpatia pelo demônio* (2016), mas se espraiam pelo mundo, ou melhor, o que se convencionou chamar de Terceiro Mundo.

Enfim, o papel da mídia na sociedade e o poder que as informações de *internet* exercem sobre os cidadãos do mundo dito global servem de pano de fundo a *Simpatia pelo demônio* (2016). Nesse sentido, seguindo a trilha das desavenças ideológicas vistas na trama sob o pretexto da religião, conjugadas ao sequestro internacional baseado em conspirações terroristas, a história de Rato revelou-se um convite à reflexão, acerca da civilização no auge da modernidade considerada globalizada.

### **A FABLE OF THE CIVILIZATION IN SIMPATIA PELO DEMÔNIO, BY BERNARDO CARVALHO**

**ABSTRACT:** *This article analyses the novel Simpatia pelo demônio (2016), written by Bernardo Carvalho, with an apparent discourse from fable nature of his plot as the leading theme. The caricature aspect of the characters and the structure of the fable, which cover this plot, are taken as an investigative aim. It is emphasized, in this work, the way its outlines move through one moment by the ludic of the day by day small events, the next by violence. Besides the ideological disagreements under the pretext of religion and the international kidnapping based on terrorist conspiracies, that reveal an invitation to the reflection, about the civilization in the acme of the modernity considered globalized.*

**KEY-WORDS:** *Simpatia pelo demônio. Bernardo Carvalho. Contemporary literature. Brazilian novel.*

### **Referências**

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BERNARDES, Erick. “A barbárie contemporânea: uma fábula da civilização, em *Simpatia pelo demônio*, de Bernardo Carvalho”. In: *Revista Palimpsesto*. n. 24, p.177-181, jan.-jun. 2017. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br>> Acesso em: 20 out. 2017.

CARVALHO, Bernardo. *O filho da mãe*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *Reprodução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. *Simpatia pelo demônio*. São Paulo: Companhia da Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. *Nove noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CEIA, Carlos. *Dicionário de termos literários de Carlos Ceia*. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/fabula>> Acesso em: 27 jun 2018.

CHAUÍ, Marilena. “Walter Benjamin comentado por Marilena Chauí”. In: *Portal a casa de vidro*. Disponível em: <<https://acasadevidro.com/2013/08/23/walter-benjamin-comentado-por-marilena-chauí>> Acesso em: 14 nov. 2016.

HOLDEFER, Camila. *Portal livros abertos USP*. Disponível em:  
<<http://www.livrosabertos.com.br>> Acesso em: 14 nov. 2016.

Data da Submissão: 28/06/2018  
Data da Aprovação: 17/12/2018